

Ficha Técnica

Projecto Museológico e Museográfico
Arqueohoje

Coordenação técnica
Paulo Celso Fernandes Monteiro
Pedro Sobral de Carvalho

Arquitectura [edifício]
Simão Janeiro

Arquitectura [exposição]
Rui Serrano

Design Gráfico
Paulo Passos

Montagem
Álvaro Silva

Produção de Conteúdos
Textos

Prof. Doutor Amílcar Guerra
[Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa]

Fotografias
Paulo Celso Fernandes Monteiro

Câmara Municipal de Almodôvar
Rui Santana
Rui Cortes

Font utilizada
ITC Officina Serif Std



mesa

MUSEU DA ESCRITA DO SUDOESTE ALMODÓVAR

museu da escrita do sudoeste almodôvar

Índice

7. Mensagem do Presidente

8. Introdução

10. O território

12. Os povos da escrita

14. Contexto cronológico,
histórico-cultural e arqueológico

18. Os monumentos

22. A escrita

26. Organização dos textos
e significado das inscrições

28. A descoberta dos monumentos
e o estudo da escrita

30. Origem e difusão da escrita

32. A colecção do Museu
da Escrita do Sudoeste

Almodôvar território *emescrita*





*A escrita é a única
forma perfeita do tempo*

Jean-Marie Clézio



A
O
^
Δ
Δ
M
>
1
S
V

D
M
X
4

O
S
D
H
N

J
O
M
↑

L
O
X

Mensagem do Presidente

A exposição “**Almodôvar** território *emescrita*” abre definitivamente ao público o Museu da Escrita do Sudoeste num espaço museológico construído especialmente para este fim pela Autarquia em Almodôvar. Este é sem dúvida um marco importante para a interpretação e divulgação da História e da Cultura do Concelho de Almodôvar e da Região Sul da Península Ibérica.

Com mais de dois mil e quinhentos anos, esta cultura ancestral desenvolveu-se nesta região, chegando aos nossos dias através de estelas epigrafadas, como estas que hoje temos orgulho de mostrar ao grande público nesta exposição.

Peças de elevado valor arqueológico e cultural, pois marcam a entrada da primeira forma de escrita alfabética na Península Ibérica, bem como a entrada destes nossos antepassados na História.

ANTÓNIO SEBASTIÃO
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
DE ALMODÓVAR

Introdução

Propõe-se, com este núcleo museológico, orientar os visitantes num breve percurso de apresentação da mais antiga das escritas hispânicas e uma das mais precoces do Mediterrâneo central e ocidental. Para alguns autores, este signário poderia contar com quase 2800 anos, cronologia que nem todos aceitam. O mais provável é que no Sudoeste hispânico se tenha desenvolvido um sistema gráfico há mais de 2500 anos e que teve uma vida de escassos séculos.

Este facto notável justifica desde logo que se promova uma iniciativa no sentido de divulgar uma realidade que constitui, sem dúvida, um importante marco no domínio histórico-cultural, mas que é, afinal, desconhecido de quase todos.

Percorrer esta exposição permite constatar que as populações instaladas nesta região nesse distante período acompanhavam de perto o que se passava nas áreas mais desenvolvidas do Mediterrâneo e do Oriente e partilhavam com elas os conhecimentos.

Neste caso mostra-se um sistema de signos que tem uma origem fenícia, consequência natural de o Ocidente hispânico ser frequentado por comerciantes de Tiro e da sua colónia, Cartago.

No extremo oriental do Mediterrâneo, na região onde hoje se situa o Líbano, criara-se um alfabeto simplificado, directa ou indirectamente ligado à origem de muitas escritas antigas e actuais. Tal com a aconteceu com o antigo alfabeto grego e não muito tempo depois, também no Sudoeste da Península Ibérica se desenvolveu uma forma de escrita que parte dessa matriz fenícia e que serviu para transcrever a(s) língua(s) desta região.

A localização desta unidade museológica em Almodôvar não resulta de um acaso, mas do facto de este concelho se situar numa das áreas em que é maior a concentração de monumentos com esta escrita. Consta-se, de facto, que a região serrana que separa hoje o Alentejo do Algarve concentra o mais amplo conjunto de achados deste tipo.

Ao contrário, numa espécie de contra-senso, as regiões litorais, seguramente mais ligadas ao comércio com os povos do Mediterrâneo, apresentam mais raros elementos inscritos com estes signos de maior antiguidade. Em boa verdade a base deste sistema não se encontra muito distante das do seu tempo e revela mesmo algumas afinidades com o que hoje usamos. Mas, apesar dessa proximidade, são muitos os problemas que se levantam à interpretação dos monumentos que ostentam estes textos cujo significado preciso nos escapa.



10. mesa

O Território

Nesta região acidentada entre o Alentejo e o Algarve, só a largas distâncias surgem pequenas manchas brancas de aldeias e um número considerável de “montes” isolados pontua a paisagem.

Mas, no nosso mundo actual, esquece-se muitas vezes a dimensão histórica.



Por isso, pode não ser fácil perceber como há mais de dois mil e quinhentos anos se desenvolveu nesta região o primeiro sistema de escrita conhecido na Península Ibérica. Como é que esta região, hoje quase despovoada, foi em tempos uma das áreas onde floresceu uma importante e precoce cultura letrada.

É esse percurso à descoberta de uma realidade tão distante que aqui se traça de uma forma breve.

11. mesa



Os povos da escrita

As águas calmas do Mediterrâneo e as riquezas desta região encaminharam os Fenícios para Península Ibérica a partir do século oitavo antes de Cristo. Estes fundando lugares que se converteram em activos entrepostos de um comércio de longa distância. Na bagagem destes navegantes, junto com muita mercadoria esplendorosa, viajava a arte de uma escrita simples e funcional, que também os gregos imitaram. Esse saber, já habitual no Oriente mas aqui ignorado, não passou despercebido às populações locais que com tempo idealizaram também, como base nessa experiência, um sistema para transmitirem a sua língua. Como esta língua local era muito diferente da dos fenícios ou dos gregos tiveram de o adaptar a essa nova realidade, criando-se desta forma algo diferente. Sempre que possível adoptaram-se os signos que já existiam e o seu valor fonético; nos outros casos, houve que inventar novas letras.

Desconhece-se quando surgiu exactamente essa ideia e em que lugar exacto se concretizou pela primeira vez. De qualquer maneira, os estudiosos pensam que tal facto ocorreu numa ampla área do Sudoeste Peninsular, num território hoje correspondente à região espanhola da Andaluzia, ao Algarve e sul do Alentejo, algures entre os séculos oitavo e o sexto antes da nossa era. Passaram, portanto, mais de dois mil e quinhentos anos. Pensa-se também que nessa região vivia o povo dos Tartéssios, que alguns autores latinos e gregos referem como gente especialmente culta e desenvolvida.



É por esta razão que se chama com frequência a esta realidade a escrita tartéssica. Sobre as gentes que habitaram mais tarde essa região diz um geógrafo grego, Estrabão: “/.../ têm fama de ser os mais cultos dos iberos; possuem uma gramática e escritos de antiga memória, poemas e leis em verso, que eles dizem ter seis mil anos”. Naturalmente, para além do exagero a respeito da antiguidade dessa escrita, fica a atestação de que o fenómeno, já na passagem de era, há dois mil anos, se considerava muito remoto.

O que nos resta hoje desta longínqua forma de escrever não é muito, por essa razão assumem tanta importância os documentos que nos chegaram. Contamos hoje, fundamentalmente, com um pouco menos de uma centena de inscrições sobre pedra, por vezes muito fragmentárias, o que representa certamente uma parcela muito reduzida de tudo o que na altura se produziu.

PRINCIPAIS SIGNÁRIOS HISPÂNICOS





15. mesa

Contexto cronológico, histórico-cultural e arqueológico

Também não é fácil determinar que populações antigas usaram esta escrita. Em primeiro lugar pelas dificuldades em estabelecer a datação para os mais antigos monumentos, os quais, segundo alguns autores poderiam remontar ao séc. VIII antes da era cristã, mas que, de qualquer modo, não deverá ser posterior ao séc. VI.

Assim, com frequência se estabelece uma ligação entre esta escrita e mundo tartéssico, um reino mítico do sudoeste da Península Ibérica, cujas fama de riqueza e de conhecimento da escrita nos foi deixado por alguns autores gregos e latinos. Por essa razão este conjunto epigráfico é também designado como “escrita tartéssica”.

Como esta escrita se encontra bem representada no sul de Portugal, alguns estudiosos preferiram associá-la a povo que geralmente se considera o mais antigo de que há notícia nestas paragens, os Cónios ou Cinetes. Chegou por isso a relacionar-se com esta entidade uma parte de um formulário bastante frequente destas inscrições, no qual se deveria ler, segundo eles, o apelativo “Konii”. Por fim, como alguns nomes de pessoas que se pensa serem referidos nas inscrições poderiam integrar o âmbito das línguas indo-europeias peninsulares, outros consideraram a possibilidade de ao menos uma parte da população da área corresponder aos Célticos que habitam também esta região em fase pré-romana.

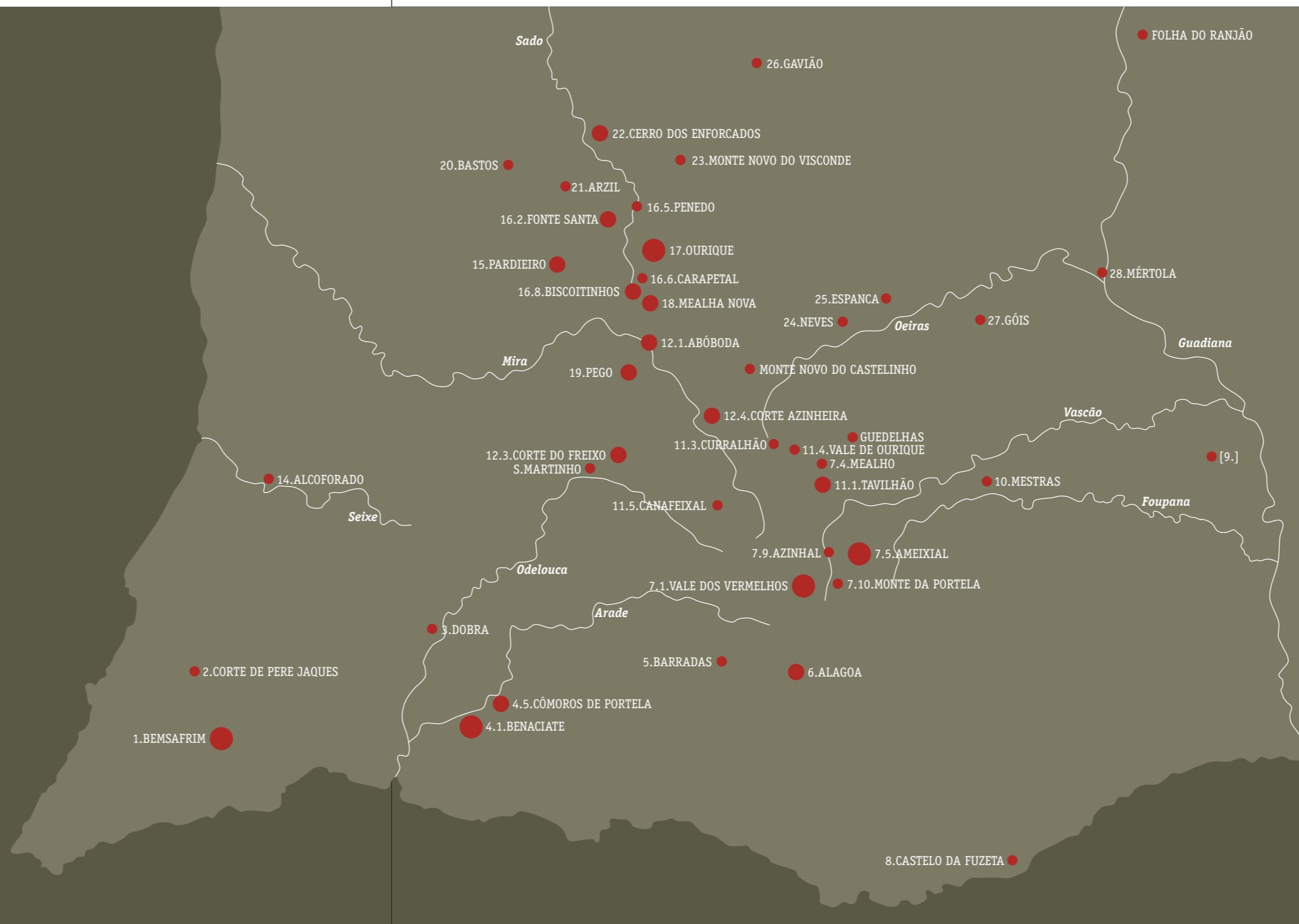
Não tem sido fácil, por fim, estabelecer uma ligação directa entre estes monumentos epigráficos e os contextos arqueológicos em que eles ocorrem, especialmente porque uma parte não se encontra já na sua situação original e outra não forneceu qualquer elemento contextual relevante. De qualquer modo, parece clara a sua ligação com contextos funerários da Idade do Ferro desta região, de que se conhecem exemplos significativos.

Espera-se, enfim, que a divulgação destes vestígios, desperte o interesse de todos por estas questões e os torne mais sensíveis à importância da protecção e valorização do nosso património cultural.

16. mes

Distribuição da escrita no território português

- 1 Inscrição
- 2-3 Inscrições
- >3 Inscrições



18. mesa



Necrópole de Fernão Vaz

19. mesa

Os Monumentos

Os vestígios encontram-se espalhados por uma região muito vasta que abarca os territórios espanhóis da Andaluzia e Extremadura (de Córdoba a Cáceres) até ao extremo ocidental da costa portuguesa. No entanto, a maioria dos vestígios conservados encontra-se precisamente em torno da Serra do Caldeirão ou Mú, em especial nos concelhos de Loulé, Silves, Ourique e Almodôvar. Só no concelho de Almodôvar se descobriram 14 exemplares.



Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas

Em Ourique são conhecidos, graças a uma longa tradição de recolha que remonta ao século XVIII, ao bispo de Beja e arcebispo de Évora Frei Manuel do Cenáculo. Este ilustrado personagem mandou recolher e desenhar todos os monumentos então conhecidos que actualmente se conservam num precioso álbum guardado na Biblioteca Pública de Évora. Nele se encontra também o esboço de uma inscrição do concelho de Almodôvar. Trata-se da única informação sobre este achado, uma vez que o original se perdeu entretanto, à semelhança da maioria dos que Cenáculo reuniu. Mas foi sobretudo no século XX que se ampliaram as novas descobertas, sendo Fernando Nunes Ribeiro e Caetano Beirão os principais responsáveis pelo amplo conjunto que hoje se conhece nesta área.

Não é fácil explicar a razão pela qual esta região concentrou mais de metade dos cerca de noventa monumentos conhecidos, apesar de parecer a mais inacessível. No entanto, a serenidade do mar algarvio e a fácil navegabilidade do Guadiana de Mértola à foz tornou esta região particularmente acessível àqueles que procuravam as suas riquezas. Sem esquecer as potencialidades agrícolas e pecuárias, pode imaginar-se que as riquezas mineiras desta área pudessem constituir precisamente uma das razões pelas quais se dispersam por ela estes vestígios que atestam uma larga ocupação do território.

20. mesa

Os monumentos que testemunham este fenómeno correspondem a pedras sepulcrais, destinadas geralmente a ser colocadas ao alto, na cabeceira das sepulturas, à semelhança do que acontece em muitas outras épocas. Naturalmente, tal como agora, nem todos se empenhavam em assinalar o seu túmulo com estas inscrições e seria fácil imaginar que, então, só algumas figuras mais importante teriam esta preocupação. Desta forma pretendiam deixar para a posterioridade uma memória da sua existência, com um monumento resistente à passagem do tempo. Foi o estudo de antigos cemitérios e povoados que permitiu identificar alguns destes vestígios, mas com alguma frequência estas lápides já não se encontravam na sua primitiva colocação, porque tinham sido usadas em situações por vezes muito diferentes.

Num dos casos mais notáveis, precisamente o que ocorre numa estela encontrada no lugar da Abóboda, na freguesia de Gomes Aires, concelho de Almodôvar, representa-se uma personagem com algumas armas na mão, a que se junta um texto que deveria identificar a pessoa sepultada. Esta célebre peça contém um desenho simples, mas ilustrativo de uma associação destes vestígios de escrita a um sociedade de guerreiros e chefes que se fazem representar com o seu armamento.

21. mesa



Povoado de Fernão Vaz

A Escrita

A maioria contém apenas o texto e é essa componente que tornou conhecidos estes vestígios. Em muitos pode notar-se claramente a separação entre as duas partes do monumento: uma destinada a ser fixada no solo, por vezes delimitada por uma linha horizontal; outra que acolhia um texto, mais ou menos breve, riscado nas superfícies relativamente planas das fracturas naturais do xisto.

O aspecto destes escritos é diversificado. No entanto, para além dos seus característicos signos, a organização do texto constitui um dos factores que tornam inconfundível este fenómeno no contexto dos vestígios idênticos do território peninsular. A disposição das letras envolve também ela algo de decorativo. Com frequência é enquadrada por linhas paralelas bem marcadas, que delimitam a altura dos signos. Muitas vezes o texto desenvolve-se em espirais; outras vezes em linhas quebradas; mas pode assumir igualmente a forma de linhas contínuas.

Seguindo uma tradição bem atestada no Oriente, a escrita desenvolve-se habitualmente da direita para a esquerda; escreve-se, portanto, na direcção contrária à nossa, mas à semelhança do que se verifica actualmente com a escrita árabe. Nós seguimos uma tradição romana, mais recente. Mas esta característica, aparentemente rara, encontra-se em particular na escrita fenícia, de que a escrita do sudoeste descende directamente. Não é, por isso, difícil justificar esta peculiaridade que hoje nos pode causar estranheza, mas que não tem nada de raro na antiguidade, nem mesmo no mundo actual.

Ao contrário também do mundo moderno, neste período não eram muitas as pessoas que sabiam ler e certamente muito menos as que sabiam escrever. Não admira, assim, que muita gente não entendesse o que neles se encontrava gravado. Mas bastava que alguns o compreendessem para se difundir a informação ali contida.

Quem produzia estes monumentos possuía, por isso, conhecimentos raros naquelas sociedades, mas que eram seguramente muito apreciados pelas figuras mais notáveis, que admiravam estas artes. A técnica de fazer este tipo de estelas não era, naturalmente acessível a todos. Aprendia-se com mestres cujo número não devia ser muito elevado. Estes transmitiam aos seus discípulos um saber apreciado e raro e que necessitava certamente de um período mais ou menos longo de aprendizagem.



Deste processo de ensino chegou aos nossos dias um documento encontrado no lugar de Espanca, no concelho de Castro Verde. Nesta pequena laje com cerca de 40 cm de comprimento se conserva uma gravação, em duas linhas de caracteres bastante reduzidos - não têm, na realidade, mais de 4 cm: uma, exterior, de traço mais profundo e firme e de caracteres mais regulares; outra mais tênue e irregular. A sequência de signos é igual nas duas, pelo que é fácil presumir que a segunda linha procura imitar a primeira. É opinião assente que a mais regular foi produzida pelo mestre e copiada logo de seguida pelo discípulo, que ainda revela alguma falta de perícia.

Este documento é ainda famoso por uma outra razão: o facto de ali se representar todo o sistema de escrita, quer dizer, ser o equivalente do nosso abecedário, em que reproduzimos todas as letras do alfabeto por uma determinada ordem.

Algumas conclusões interessantes se podem retirar da análise deste achado: em primeiro lugar verifica-se que os primeiros 19 símbolos que aqui se registam são directamente tomados do alfabeto fenício e reproduzem este modelo de uma forma bastante rigorosa. Para além disso, há entre eles uma grande proximidade fonética, uma vez que os sons são iguais ou afins. Para além destes há ainda mais oito caracteres, que a escrita fenícia não conhecia, alguns dos quais se encontram igualmente no alfabeto grego. Parece, portanto, que o modelo usado na Grécia arcaica era conhecido por quem criou a escrita do sudoeste. Por fim, um pequeno conjunto de símbolos deve ter sido inventado, para suprir as necessidades do signário.

Neste sistema de escrita há essencialmente dois tipos de símbolos: uns são alfabéticos, como os nossos, representando um único som cada (é o caso das vogais, as mesmas que nós temos: a, e, i, o, u). Mas um outro tipo de caracteres representam sílabas, isto é, um único signo corresponderia a uma consoante seguida de uma vogal (por exemplo, um símbolo semelhante ao nosso capa valia por ke). A estes chamamos, por isso, signos silábicos.

A

Infelizmente há ainda alguns importantes problemas para resolver, o que leva alguns a falarem desta escrita como um mistério. Na realidade, os investigadores estão quase todos de acordo sobre o valor da maioria das letras; mas há um pequeno número de valor desconhecido ou muito discutido. O mais difícil, porém, é desvendar o significado do que lá se escrevia. Ai sim, deparamo-nos verdadeiramente com uma grande incógnita. Pode dizer-se que estamos perante uma língua desconhecida que, com excepção de umas quantas palavras, não estamos em condições de entender. Há, é verdade, algumas propostas de tradução destas inscrições, mas são mais alimentadas pela fantasia do que fundadas em argumentos científicos.

Há que ter alguma paciência, porque os dados são ainda muito reduzidos e a investigação precisa de tempo e, naturalmente, de mais inscrições deste tipo. Todos nós devemos estar atentos a estes achados, porque todos eles são importantes para chegar mais tarde a uma verdadeira solução do problema.

Ao mesmo tempo, todos eles constituem um fragmento importante da nossa história, que todos temos obrigação de preservar e dar a conhecer. Este museu, dedicado especificamente a esta realidade, é um primeiro passo para conhecermos melhor essa parte de uma rica herança cultural que recebemos.



Organização dos textos e significado das inscrições

Ainda que muitas das inscrições que nos chegaram se encontrem fragmentadas, é possível ter uma ideia da organização dos textos e da sua configuração geral.

Em primeiro lugar a orientação da escrita é geralmente contrária à nossa, da esquerda para a direita (sinistorsa - à semelhança, por exemplo, da escrita árabe). Mas há igualmente casos em que segue a orientação da maioria das actuais (dextorsa - a que nós adoptamos) e situações em que as duas se alternam (bustrofédica).

A disposição geral dos textos é muito variada. As letras são com frequência enquadradas por linhas paralelas e desenvolvem-se em espiral, assumindo uma forma elíptica ou rectangular.

Neste caso, os caracteres dispõem-se ora com o topo voltado para o exterior, ora para o interior. Há ainda casos de apresentação em linhas simples ou duplas, horizontais ou verticais.

Por vezes, indica-se a separação das palavras com um traço vertical, mas esta circunstância não é muito frequente. Por essa razão, um problema acrescido que esta escrita coloca, reside na dificuldade em determinar o fim de muitas palavras.

Quanto ao significado destes textos o desconhecimento é quase completo e este carácter enigmático tem dado lugar a que vários estudiosos se tenham empenhado na sua decifração, ainda que sem sucesso. Tal circunstância não tem impedido que alguns achem ter descoberto a solução para o problema, mas estas propostas carecem de fundamento.

Todavia, nem tudo é desconhecido. Já é possível identificar alguns nomes de pessoa e parece viável a identificação de alguns elementos característicos da língua que se transmitia nestas estelas. São conhecidas algumas sequências que se repetem e chegaram a ser propostas interpretações para elas. No entanto, estamos ainda longe de resolver esta questão do significado concreto destes textos.

O aparecimento de novos monumentos e os progressos da investigação podem, com o tempo, modificar substancialmente esta situação. Mas não parece que tal venha a acontecer em breve, a não ser que algum documento excepcional forneça uma chave do problema.

Estrutura do Signário de Espanca

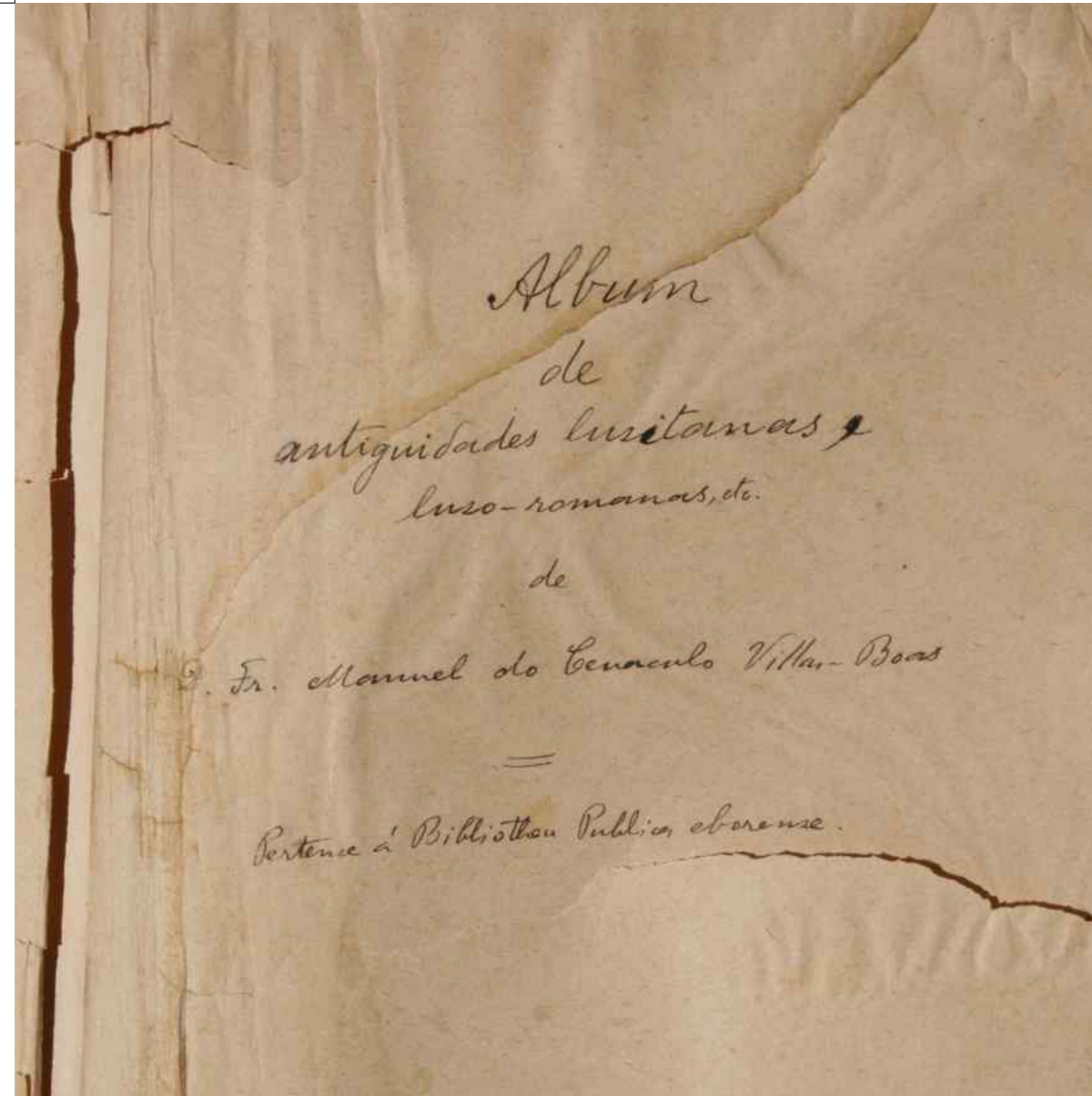
	Fenício	Grego	Sudoeste	Meridional	Nordeste
Ⲁ	'aleph	alpha	a	a	
ⲁ	beth	beta	be	b ^o	bi
Ⲃ	gimel	gamma	ka	ka	ka
ⲃ	deleth	delta	tu	tu	tu
Ⲅ	jodh	iota	i	i	i
ⲅ	kaph	kappa	ke	ke	ke?
Ⲇ	lamedh	lambda	l	l	l
ⲇ	mem	my	m		m
Ⲉ	nun	ny	n	n	n
ⲉ	samekh	xi	s	s	
Ⲋ	reš	rho	r		r
ⲋ	šin	sigmaś	s [^]	ś(s?)	
Ⲍ	taw	tau	ta	ta	ta
ⲍ	waw	ypsilon	u	u	

Ⲏ	'ajin	omikron	e	e	
ⲏ	he	epsilon	-a	be?	e
Ⲑ	teth	theta	ti	ti	te
ⲑ	heth	(h)eta	te/ku?	te?	o
Ⲓ	pe	pi	bo		bu

ⲓ		?	?		
Ⲕ		-i	?	?	í??
ⲕ			?		ti
Ⲍ		?		bi	u
ⲍ		o		o	
Ⲏ		?		ki	ki
ⲏ		í??	í??		
Ⲑ		ko	ko	ko	

Equivalência dos signos [segundo J. Untermann]

Ⲁ	a
ⲁ	e
Ⲃ	i
ⲃ	o
Ⲅ	u
ⲅ	l
Ⲇ	n
ⲇ	m
Ⲉ	r
ⲉ	í
Ⲋ	s
ⲋ	ś
Ⲍ	b ^o
ⲍ	b ^e
Ⲏ	b ^o
ⲏ	b ^o
Ⲑ	k ^o
ⲑ	k ^o
Ⲓ	k ^o
ⲓ	k ^o
Ⲕ	t ^o
ⲕ	t ^o
Ⲍ	t ^o
ⲍ	t ^o
Ⲏ	í
ⲏ	í
Ⲑ	a



A descoberta dos monumentos e o estudo da escrita

Entre nós, as primeiras notícias sobre esta antiga escrita devem-se à acção de *Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas*, primeiro bispo de Beja entre 1770 e 1802. Como um dos mais notáveis eruditos do seu tempo, recolheu, estudou e mandou desenhar um conjunto de monumentos, geralmente lápides sepulcrais, que identificou durante a sua missão episcopal. São estes desenhos, actualmente conservados na Biblioteca Pública de Évora, num álbum com o seu nome, que constituem um admirável testemunho da sua dedicação a esta escrita. Paralelamente em Espanha, dá-se notícia de uma inscrição pertencente a este grupo, encontrada em Alcalá del Río (Sevilha), sobre a qual escreveu Francisco Pérez Bayer (1782), amigo pessoal do prelado pacense. Mas é especialmente no último quartel do séc. XIX que se dá um novo impulso ao conhecimento destes monumentos, em particular pelos novos achados de que dão notícia António dos Santos Rocha e Sebastião Philipês Estácio da Veiga.

Para além dos novos achados da Fonte Santa de Bensafrim (Lagos) e outros lugares, este último contesta a ascendência fenícia deste signário, contrapondo, com base em pressuposto errados, uma origem local que remontaria à Pré-História. Ainda antes de acabar o século publica-se o trabalho de síntese do alemão Emílio Hübner (1893), não especificamente dedicado a esta escrita, mas a todos os vestígios linguísticos pré-romanos da Hispânia.

José Leite de Vasconcelos, reuniu no Museu Ethnológico mais algumas lápides no início do século XX, mas o repertório de monumentos só se modifica substancialmente na segunda metade desta centúria. Em primeiro lugar com várias publicações colectivas em que pontifica o nome de Abel Viana e depois com três achados do espanhol Gómez de Sosa.

Um impulso ainda mais significativo deu-se nos anos '60, com o conjunto de monumentos recolhidos por Fernando Nunes Ribeiro no distrito de Beja. Todavia, a descoberta do maior número de estelas e o empenho na divulgação desta manifestações epigráficas ficaram a dever-se especialmente a Caetano Beirão, que, a partir dos anos '70 dedicou boa parte do sua vida e muito do seu entusiasmo a este domínio da investigação.

Não podem esquecer-se, por fim, os importantes contributos para a decifração desta escrita, muito particularmente os trabalhos pioneiros do espanhol Manuel Gómez Moreno e os do alemão Ulrich Schmoll, que assentam em bases sólidas as propostas de equivalência fonética deste sistema de signos.

30. mesa



31. mesa

Origem e difusão da escrita

Embora não tenha sido a única origem apontada pela investigação, toma-se como seguro que o sistema dos signos utilizado por estas epígrafes tem origem no extremo oriental do Mediterrâneo. Já Frei Manuel do Cenáculo, há mais de 200 anos, tinha apontado a origem fenícia do signário registado nestes monumentos, ideia que foi contestada só muito raramente e sem argumentos consistentes.

A circunstância de uma escrita particular se ter desenvolvido nos territórios ocidentais da Hispânia deve-se, pois, a uma continuada presença de comerciantes de Tiro e da sua colónia norte-africana, Cartago, que frequentaram as costas atlânticas, especialmente o percurso entre o Estreito de Gibraltar e foz do rio Mondego, desde o século VIII a. C..

Deste modo, na região que corresponde à actual Andaluzia e ao Sul de Portugal, as populações locais desenvolveram uma escrita própria, que resultou da adaptação do alfabeto fenício à sua língua, aplicada essencialmente em inscrições funerárias. O conjunto de todos os caracteres do sistema ocorre duas vezes no chamado “signário de Espanca”, aparecido na freguesia de Sete (Castro Verde), uma primeira que o mestre gravou com traço seguro e uma outra correspondente à imitação que dela fez o discípulo. Esta espécie de exercício torna claros o número e a organização do signário, pondo em evidência as afinidades entre esta realidade e o alfabeto fenício.

Os primeiros signos correspondem, na sua forma, mas em boa parte também no seu valor fonético, aos que o alfabeto fenício apresenta. Como estes não eram suficientes, o criador deste signário teve que buscar novos signos. Apesar da afinidade com a realidade fenícia, ainda subsistem algumas dúvidas sobre o valor de alguns caracteres, pelo que não é possível ler todas as inscrições com segurança.

Embora estes textos sejam gravados apenas por “técnicos”, o desenho das letras pode variar, apresentando por vezes formas únicas. Parece igualmente que determinados lapicidas criam signos novos que só ocorrem num número muito limitado de inscrições ou por vezes se registam uma única vez.

< A península ibérica segundo Avieno* (interpretação de A. Schulten)

* Autor latino do séc. IV d.C. que terá descrito a Península numa fase contemporânea à Escrita do SW. (séc. VI a.C.)

A colecção do Museu da Escrita do Sudoeste



1
Proveniência **Cerro dos Enforcados I**
[Ourique]
Localização MNA
Medidas 144x67x13



2
Proveniência **Corte do Freixo** [Almodôvar]
Localização MRBeja*
Medidas 154,5x62x12



3
Proveniência **Pardieiro I** [Odemira]
Localização MRBeja
Medidas 103,4x56x9,8



4
Proveniência **Espanca** [C. Verde]
Localização C. Verde
Identif. 40x28x2



5
Proveniência **S. Martinho** [Silves]
Localização MMSilves
Medidas 133x95x13



6
Proveniência **Mealho** [Almodôvar]
Localização CMAlmod
Medidas 97x21x20



7
Proveniência **Canafexal** [Almodôvar]
Localização CMAlmod
Medidas 58x54x5,5



8
Proveniência **Monte Novo Castelinho**
[Almodôvar]
Localização MESTClara
Medidas 154x64



9
Proveniência **Barradas** [Loulé]
Localização MMLoulé
Medidas 52x73x13



10
Proveniência **Abóboda II** [Almodôvar]
Localização MNA
Medidas 38x40,5x2,5



11
Proveniência **Tavilhão I** [Almodôvar]
Localização MMFaro
Medidas 105x28x10



12
Proveniência **Mestras** [Alcoutim]
Localização MMOlhão
Medidas 128x62x8,5



13
Proveniência **Gavião** [Aljustrel]
Localização MRBeja
Identif. 115x46x12



14
Proveniência **Nobres** [Ourique]
Localização MNA
Medidas 110x58,5x7,5



15
Proveniência **Corte Azinheira II** [Almodôvar]
Localização J. Mestre
Medidas 13x8x2,5



16
Proveniência **Herdade do Pego II** [Ourique]
Localização MNA
Medidas 39x36,5x5



17
Proveniência **Corte do Freixo II** [Almodôvar]
Localização J. C. Adão
Medidas 48x19x8,5



18
Proveniência **Abóboda I** [Almodôvar]
Localização MRBeja
Medidas 83x51x11



19
Proveniência **Arzil** [Ourique]
Localização MRBeja
Medidas 109x46x11



20
Proveniência **Tavilhão II** [Almodôvar]
Localização MNA
Medidas 82x39x13



21
Proveniência **Cerca do Currealão** [Almodôvar]
Localização MADSetúbal
Medidas 73x38x8



22
Proveniência **Corte Azinheira I** [Almodôvar]
Localização MNA
Medidas 39x31,5x6



23
Proveniência **Vale de Ourique**** [Almodôvar]
Localização Desconhecida
Medidas J.11.4 (2)



24
Proveniência **Guedelhas**** [Almodôvar]
Localização (A. Cenáculo)
Medidas MLH 17 (8)

Treine e escreva

A

Q

^

Δ

∩

∪

1

∩

∪

#

∩

M

X

H

Q

#

⊖

⊗

□

∪

⊖

⊕

↑

#

∩

∩

⊗

2500 anos



Agradecimento

O Município de Almodôvar agradece publicamente a colaboração e património cedido para exposição no Museu da Escrita do Sudoeste reconhecendo o contributo de todas as pessoas e entidades para a divulgação e estudo da mais antiga e enigmática escrita da Península Ibérica, destacando particularmente:

- Museu Nacional de Arqueologia
- Museu Regional D. Leonor [Beja]
- Museu Municipal de Loulé
- Museu Municipal de Olhão
- Museu Municipal de Arqueologia de Silves
- Museu da Lucerna/Cortiçol [Castro Verde]
- Biblioteca Pública de Évora
- Professor Amílcar Guerra
- José Carlos Adão
- José Joaquim Mestre

A todos os que tornaram possível a concretização deste importante Museu, o nosso muito obrigado.